



Artigos

IDENTIDADE, MIGRAÇÃO E SUAS DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS

*Sylvia Duarte Dantas**

*Laura Ueno***

*Gabriela Leifert****

*Marcos Sugiura*****

Este artigo aborda algumas dimensões subjetivas da questão identitária a partir de uma perspectiva intercultural e psicodinâmica. Inicialmente apresentamos uma compreensão do termo identidade e os desafios que o sentimento de si enfrenta diante a migração. A partir de pesquisas de intervenção psicossocial realizadas no Serviço de Orientação Intercultural do Instituto de Psicologia da USP, discute-se a formação da identidade bi(multi) cultural, se esclarece as dimensões da identidade envolvidas nas relações familiares e redes sociais com a migração.

Palavras-chave: Imigração; Identidade bi(multi) cultural; Família, Rede social

* Ph.D. em Psicologia Social pela Universidade de Boston, psicanalista e psicoterapeuta intercultural. Idealizadora e coordenadora do Serviço de Orientação Intercultural, Instituto de Psicologia, USP - Universidade de São Paulo / Brasil.

** Mestre em Psicologia Social pela USP, psicoterapeuta psicodinâmica intercultural da Equipe do Serviço de Orientação Intercultural, Instituto de Psicologia, USP - Universidade de São Paulo / Brasil.

***Mestre em Psicologia Social pela USP, psicoterapeuta familiar e intercultural da Equipe do Serviço de Orientação Intercultural, Instituto de Psicologia, USP - Universidade de São Paulo / Brasil.

**** Mestre em Psicologia Social pela USP, psicoterapeuta rogeriano e intercultural da Equipe do Serviço de Orientação Intercultural, Instituto de Psicologia, USP - Universidade de São Paulo / Brasil.

Por que é importante falar em identidade quando falamos em imigração? Quais as consequências para o mundo emocional e para a forma como a pessoa se vê e se entende? O que muda e o que não muda e como muda? Por quê? Que fatores podem facilitar ou dificultar a mudança que a migração ocasiona para o sentido de quem se é? Como isso se relaciona com a família, com o grupo e a sociedade de origem e a sociedade hospedeira?

Tratamos neste artigo de um tema que está na ordem do dia de nossos tempos. Estamos em um momento em que os deslocamentos nunca foram tão frequentes, e pessoas das mais diversas origens se encontram em espaços de culturas tão distintos daquele das suas culturas de origem. As razões para esse fenômeno são diversas. Os avanços tecnológicos são inegáveis. Em vinte e quatro horas pode-se estar do outro lado do mundo. Contudo, sabemos que se esses avanços podem ser utilizados para o bem de nossa espécie, são com frequência como nos mostra a história de nossa dita humanidade, utilizados como forma de subjugar um grupo a outro, uma nação a outra. Os deslocamentos humanos não escapam a essa dura realidade sobre nós mesmos.

Neste texto estaremos abordando as dimensões subjetivas da questão identitária a partir de uma perspectiva intercultural e psicodinâmica. Segundo Lambert¹, o enfoque intercultural promove uma visão ampla, dinâmica e flexível dos fenômenos psicossociais, e entende o desenvolvimento humano e suas manifestações decorrentes da relação dialética entre o sujeito e os contextos culturais e sociopolíticos.² Utiliza-se de uma ampla base de teorias para organizar dados e análises. Utilizamos assim de conceitos e técnicas de distintas abordagens na psicologia. Mas a abordagem intercultural tem um conjunto único de métodos. Nesse sentido, parte-se de uma abordagem êmica, considerando aspectos específicos da cultura, estuda-se o comportamento a partir do interior do sistema; examina-se uma cultura apenas; o analista descobre a estrutura; os critérios são relativos às características internas. E de uma abordagem ética, aspectos gerais, em que se estuda o comportamento de uma posição externa ao sistema; examinam-se mais culturas, comparando-as umas com as outras; o analista cria a estrutura; os critérios são considerados absolutos ou universais.

A articulação entre a abordagem intercultural e psicodinâmica, modelo por nós proposto e desenvolvido, tem sido uma forma de

¹ LAMBERT, William. "Introduction to perspectives".

² BERRY, John; POORTINGA, Yves; SEGAL, Marshal; DASEN, Pierre. *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*.

compreender os encontros humanos entre pessoas de diferentes culturas de maneira contextualizada crítica e profunda conforme descrevemos em outros artigos.³ Uma compreensão que partiu de nosso trabalho no Serviço de Orientação Intercultural na Universidade de São Paulo, em que oferecemos atendimento psicoterápico breve individual, grupal e familiar e orientação intercultural para imigrantes, retornados, brasileiros descendentes de imigrantes e emigrantes, e a partir de onde foram desenvolvidas pesquisas de pós-graduação incluídas neste artigo. Com isso, pretendemos nos deter inicialmente na compreensão do termo identidade e os desafios que o sentimento de si enfrenta diante a migração. Em seguida, a partir do trabalho de Ueno⁴ com nipo-brasileiros que retornaram do Japão para o Brasil, discute-se a formação da identidade bi(multi) cultural. Já Leifert⁵, baseada em seu trabalho com jovens retornados para o Brasil, esclarece as dimensões da identidade envolvidas nas relações familiares daquele que se desloca de sua terra natal e posteriormente retorna. As redes sociais e identidade na migração foram foco de trabalho de Suguiura⁶.

O que entendemos por identidade?

Dentre uma perspectiva intercultural, sabemos a partir da antropologia que o próprio conceito de identidade como compreendido na chamada cultura ocidental, não tem correspondência em outras culturas.⁷ Daí já está indicada a dimensão relativa do termo em contraste com uma visão essencialista. A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza, conforme aponta Hall⁸. A identidade não existe senão contextualizada, como um processo de construção e pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação. Um contexto que define algo em relação ao qual eu, por contraste, consigo definir quem sou. Sendo assim é sempre um conceito relacional, contrastivo, resultado de um processo de negociação, com uma dimensão política sem a qual é impossível entendê-lo.⁹

³ DEBIAGGI, Sylvia Dantas. "Migração e implicações psicológicas: vivências reais para o indivíduo e o grupo"; *Idem*. "Psicanálise, globalização e interculturalidade"; *IDEM*. "Gênero, cultura e formas de ser: Orientação e atendimento psicológico intercultural na Universidade de São Paulo".

⁴ UENO, Laura S. *Migrantes em trânsito entre Brasil e Japão: uma intervenção psicossocial no retorno*.

⁵ LEIFERT, Maria Gabriela M. *Migração de Retorno: Psicoterapia Breve de Jovens Brasileiros, um diálogo entre Psicologia Intercultural e Construcionismo Social*.

⁶ SUGUIURA, Marcos H. *Relações entre a rede social e as migrações Brasil-Japão*.

⁷ LIEBKIND, Karmela. "Ethnic identity and acculturation".

⁸ HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*.

⁹ MONTES, Maria Lúcia. "Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia"; SANDOVAL, Salvador. "Identificações étnicas na migração".

Como nos lembra Boaventura de Souza Santos¹⁰, “Identidades são, pois, identificações em curso”, mostrando assim seu caráter dinâmico, relacional e de construção. Somos introduzidos à cultura através das figuras primárias, com as quais nos identificamos e essas identificações vêm carregadas de afeto. As identificações em termos psicanalíticos são um “processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”¹¹. Nesse processo identificações conscientes e inconscientes entram em jogo na formação da pessoa e em sua relação com o mundo. Cabe lembrar que nosso senso de identidade é desenvolvido a partir da conexão com os outros.¹² Essa conexão aliada ao processo de reflexão e observação simultâneas são a base da formação identitária. A identidade psicossocial, segundo Erikson¹³, caracteriza-se por um entrelaçamento concomitante entre o subjetivo e o objetivo, o individual e o social. Há uma complementaridade entre história pessoal e a História. O estudo da identidade psicossocial requer uma avaliação dos elementos de identificação atravessados por representação coletivas, hierarquicamente considerados positivos e negativos presentes na história e momento do ciclo vital de cada um e em dado momento histórico.

Desafios que a migração impõe à identidade

Conforme mencionamos acima, a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza, conforme aponta Hall¹⁴. Fica claro, portanto, que o contato contínuo com outra cultura supõe um conflito, crise e uma posterior ‘adaptação’¹⁵ ao novo ambiente cultural. Interessante lembrar que a palavra crise, em chinês, é formada por dois ideogramas, em que um significa perigo e o outro significa oportunidade. Há, portanto, a possibilidade dessa crise ser insuperável, devido a uma série de fatores situacionais e internos, assim como a possibilidade da mudança poder significar ampliação do *self*, transformação. Esta advém de um complexo processo de negociação

¹⁰ SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*.

¹¹ LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*.

¹² GRINBERG, Leon; GRINBERG, Rebecca. *Psychoanalytic perspectives on migration and exile*; WINNICOTT, Donald. *O brincar e a realidade*.

¹³ ERIKSON, Erik H. “Psychosocial identity”.

¹⁴ HALL, Stuart, *op. cit.*

¹⁵ Adaptação aqui está entre aspas a fim de diferenciá-la de uma postura conformista aos parâmetros da sociedade.

relativo à própria identidade, a identidade grupal, os próprios valores, envolvendo questões étnico-raciais, vivência de preconceito, educação dos filhos, relações familiares, questões intergeracionais, de gênero, enfim, uma gama de questões relativas à própria existência humana. Esse desconcerto envolve a vivência de crise psicológica e sua posterior elaboração, quando possível. Esse processo de negociação, contudo, é também realizado por filhos e netos de imigrantes que vivem entre dois mundos de referências culturais distintas em seu dia a dia, sem terem saído do país onde cresceram, mas que cruzam fronteiras culturais a partir do momento em que saem de suas residências. Deste modo, têm de lidar com um duplo quadro de referência, de sentido e pertencimento continuamente, cotidianamente. Esse processo também precisa ser reelaborado por quem retorna para o país de origem, pois se volta pensando ser o mesmo e pensando encontrar tudo como era antes, mas as referências já são outras, a pessoa descobre o quanto ela mesma mudou e o quanto quem ficou também já não é mais o mesmo. Conforme abordamos em outro trabalho o retorno implica em uma nova migração e um processo de aculturação de retorno.¹⁶ Na sociedade que recebe o imigrante, mudanças culturais também ocorrem, concepções identitárias da própria sociedade hospedeira mudam a partir do contato. Essas mudanças podem tomar uma direção positiva, de ampliação e enriquecimento cultural da sociedade ou negativa, de enrijecimento e acirramento de preconceitos e fronteiras nacionais e de políticas públicas que abarcam essa população.

Identidades biculturais ou multiculturais

Os sujeitos, segundo Phinney¹⁷, expostos a novos contextos e formas alternativas de ser ao se deslocarem, precisam lidar com questões de mudanças de identidade cultural, tanto nacional quanto étnica. A primeira refere-se ao sentimento de um indivíduo pertencer e ser parte de um país ou estado soberano podendo mudar quando sai do país de origem e adquire uma nova cidadania. Enquanto a segunda, em contraste com a anterior, origina-se da herança ancestral do indivíduo que não pode ser mudada, embora possa ser negada ou ignorada. A identidade étnica refere-se a sentimentos e laços comuns compartilhados de cultura, raça, religião, linguagem e parentesco, que são forças organizadoras importantes das compreensões individuais da realidade. Berry¹⁸ a define como um

¹⁶ DeBIAGGI, Sylvia Dantas. "Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil".

¹⁷ PHINNEY, Jean S. "Formação da identidade de grupo e mudança entre migrantes e seus filhos".

¹⁸ BERRY, John. W. "Migração, aculturação e adaptação".

aspecto da aculturação, processo de mudança este que decorre do contato entre duas culturas diferentes.

Essa mudança não costuma ser fácil, e sim permeada por muitos conflitos e estresse. A pessoa tem que lidar com escolhas em áreas importantes da vida, o que envolverá a exploração de suas habilidades e interesses. As perguntas decorrentes “Quem sou?” e “A que pertencço?” marcam pontos decisivos necessários e momentos cruciais no percurso, “quando o desenvolvimento deve se mover em uma ou outra direção, conduzindo e organizando fontes de crescimento, recuperação e conseqüente diferenciação”¹⁹. Por isso, a integração de vários aspectos do *self* é requerida.

Para que esta integração seja possível, é interessante que haja oportunidades reais de os imigrantes fazerem escolhas na forma e na proporção da manutenção da própria identidade étnica e do desenvolvimento de uma nova identidade, como parte do país onde se estabelecem. A combinação entre uma identidade étnica e nacional fortes seria o que, para a referida autora, caracterizaria as identidades biculturais.

Mas como se daria a formação da identidade étnica de indivíduos bi/multiculturais? Segundo Phinney²⁰, esta ocorre ao longo de ciclos dinâmicos compostos por fases que se repetem, num processo ativo que não é conferido simplesmente pela idade, mas que depende do contexto, das relações e envolvimento dos próprios sujeitos. Partindo dos estudos de Erikson e de diferentes modelos existentes sobre processo de desenvolvimento da identidade, foi elaborado um modelo constituído por etapas. Na primeira delas, a fase da não-exploração, a pessoa não pensou muito ainda e não foi exposta às questões da sua identidade (valores, crenças religiosas, estilos de vida e outras). Na segunda fase, que é o estágio da exploração, acontece o momento de crise, que pode ser provocado, no decorrer do ciclo vital, pela adolescência ou por situações de mudança social como a migração, que fazem parar para questionar. Já na ‘identidade adquirida’, que é a etapa posterior a ser alcançada, a pessoa negocia melhor as duas culturas a partir de suas experiências. Nessa etapa, há um compromisso com uma forma particular de ser, que confere uma estabilidade revigorante e uma posição caracterizada pela completude e pela iniciativa. Necessário notar que, conforme exposto acima, a identidade em si é dinâmica e flexível, assim nossa compreensão de uma ‘identidade adquirida’ é colocada entre

¹⁹ PHINNEY, Jean, *op. cit.*, p. 48.

²⁰ *Idem*. “Ethnic identity in adolescents and adults: review of research”.

aspas uma vez que sabemos que sua construção é contínua e inserida no processo histórico pessoal e sociopolítico.

Várias são as situações complexas de identidade criadas pela migração no contexto atual: entre filhos de imigrantes, indivíduos com pais de culturas diferentes, gerações recentes de imigrantes que voltam ao país de seus ancestrais. A respeito deste último caso, comentamos a seguir uma pesquisa recente.

Em estudo realizado em 2007 no Serviço de Orientação Intercultural da USP, a partir de uma intervenção psicossocial com grupo de nipo-brasileiros que haviam retornado do Japão²¹, buscou-se compreender a vivência dos participantes no que se referia às representações culturais do Brasil e do Japão e à experiência de retorno ao Brasil. Foi percebido que o conflito entre a cultura brasileira e a japonesa, e a tentativa de combinação entre aspectos tão opostos, eram vividos com angústia por quase todos, sem que vislumbassem muitas vezes uma possibilidade de solução. Enquanto descendentes de imigrantes japoneses, com aspectos fenotipicamente asiáticos, eram vistos como japoneses no Brasil. No contexto japonês, quando figura e fundo se invertiam, as diferenças desses sujeitos biculturais em relação aos japoneses se tornavam salientes, fazendo com que se sentissem etnicamente brasileiros.

Aliás, essa condição ambígua fazia com que fossem requeridas certas negociações para esse subgrupo étnico, desde o Brasil. Com a migração, como afirma Linger²², entre estilos quase que opostos de interação humana, um deles, o brasileiro, caracterizado pelo “calor humano”, e o outro, o japonês, marcado pelo respeito, acaba se elaborando uma identidade étnica através da ambivalência.

Outra observação pertinente aqui é a questão de estar dentro ou fora de um grupo na definição da identidade, que é um aspecto fundamental dentro da cultura japonesa, desde sua organização como nação. Enquanto a autoafirmação dentro da sociedade japonesa não é relevante, ou talvez não seja culturalmente valorizada, por outro lado o pertencimento é definidor de cada pessoa. O diferente, aquele que destoa do grupo, sofre exclusão e não é considerado confiável. Ao mesmo tempo, esse aspecto se faz presente nos padrões culturais de comportamento dos próprios nipo-descendentes. De modo que viver entre mundos imperfeitos e incompletos se torna de fato um desafio, em meio à questão própria de poder fazer parte ou não de determinados limites sociais.

²¹ UENO, Laura, *op. cit.*

²² LINGER, Daniel Touro. *No one home: Brazilian selves remade in Japan.*

Consideramos, portanto, como apontaram Phinney *et al.*²³, que a identidade étnica pode ser melhor compreendida somente a partir da interação entre cultura, atitudes de identificação e preferências dos sujeitos que migram, além das características do lugar de estabelecimento destes.

Visto que as identidades de grupo seguras estão relacionadas às competências, à autoestima e, no caso de crianças e adolescentes, ao desempenho escolar, sendo bases para o bem-estar psicossocial, ressaltamos a importância em tempos atuais do espaço de continência e interlocução possibilitado em grupos de orientação como este. Na medida em que favorecem processos de identificação para que experiências coletivas entre mundos distintos se tornem objeto de reflexão e transformação pessoais.

Identidade, migração e relações familiares

A partir da vivência do encontro com outra cultura o sujeito é convidado a questionar sua maneira de entender a realidade e integrar novas descrições e narrativas, ampliando suas possibilidades de Ser, isto é, sua identidade. Esse contato com o relativo e as várias formas de ser e fazer as coisas encoraja o sujeito a explorar uma variedade de entendimentos e informa-o que não existe uma única verdade, mas sim inúmeras, dependendo do contexto de interação no qual está inserido. Por isso afirmamos que a experiência de imigração pode promover uma expansão do *self*, na medida em que entendemos o *self* como processo, relação, como uma maneira de contar a nossa própria individualidade, uma autobiografia que escrevemos e reescrevemos em forma constante, ao participar das práticas sociais que descrevemos em nossas narrações. O *self* não é a simples acumulação de experiência, é uma expressão, um ser e um devir através da linguagem e da narração.²⁴

A fim de ampliar o conhecimento sobre as implicações psicossociais que os deslocamentos provocam no indivíduo e nas suas relações familiares, Leifert²⁵ realizou estudo no Serviço de Orientação Intercultural envolvendo atendimento em psicoterapia breve com brasileiros retornados. O interesse da pesquisa foi observar as motivações que envolvem o processo de e/ imigração, quais as narrativas construídas no encontro com outra cultura. De que modo o retorno fora vivenciado e quais as implicações para o sujeito, no que se refere a sua readaptação familiar.

²³ PHINNEY, Jean; HORENCZYK, Gabriel; LIEBKIND, Karmela; VEDDER, Paul. "Ethnic identity, immigration and well-being: an interactional perspective".

²⁴ GOOLISHIAN, Harold; ANDERSON, Harlene. "Narrativa e Self: Alguns dilemas pós-modernos da psicoterapia".

²⁵ LEIFERT, Maria Gabriela M., *op. cit.*

No que se refere às relações familiares observamos, que a principal dificuldade no retorno foi relacionada ao estresse ligado ao sentimento de pertencimento em relação à família de origem. O pertencimento para Sayad²⁶ define a existência da pessoa. Pertencer a um tempo, espaço, e grupo social. Existimos no mundo mediante relações de temporalidade, espaço e vínculos sociais.

Ao retornar, estes jovens se deparam com as mesmas questões ligadas a famílias de origem que os motivaram a partir. O processo de imigração e conseqüente retorno promovem uma revisão e readaptação em relação ao grau de maturidade que o indivíduo havia alcançado na família. Entendemos família como um sistema ativo em constante transformação, um organismo que se altera com o passar do tempo para assegurar a diferenciação e o crescimento psicossocial de seus membros.²⁷

A necessidade de diferenciação, entendida como necessidade de autoexpressão de cada indivíduo funde-se com a necessidade de coesão e manutenção da unidade no grupo com o passar do tempo. O indivíduo é membro garantido em um grupo familiar que seja suficientemente coeso e do qual ele possa se diferenciar progressivamente, tornando-se cada vez mais independente em seu funcionamento do sistema original familiar até poder separar-se e constituir por si mesmo um novo sistema.²⁸ Os processos migratórios trazem à tona a questão de diferenciação/indiferenciação do sujeito em relação à sua família de origem, ou seja, ao fazer um deslocamento o indivíduo se vê diante de uma revisão em relação à sua condição de maturidade em relação a seu grupo familiar. Portanto é nesta dança de proximidade e afastamento que o indivíduo desenvolve sua identidade e constrói o seu caminho.

Para Bowen²⁹ o principal problema nas famílias é a fusão emocional, extensão do apego emocional não resolvido com os pais e que vai definir o nível de diferenciação. Ele descreve o corte emocional, como sendo a maneira pela qual as pessoas lidam com a indiferenciação entre as gerações, acreditando que a diferenciação pode processar-se através da distância física. Os indivíduos negam a intensidade do apego emocional não resolvido em relação aos seus pais e “fingem” ter maior autonomia, e para alcançar a distancia emocional que necessitam tem que se afastar fisicamente. Neste caso vemos que às vezes a imigração funciona como uma forma de “resolver” uma situação de intensa fusão emocional. A pessoa

²⁶ SAYAD, Abdelmalek. “O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”.

²⁷ ANDOLFI, Maurizio; ÂNGELO, Claudio; MENGHI, Paolo; CORICLIANO-NICOLO, Anna Maria. *Por trás da máscara familiar*.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ BOWEN, Murray. *De la familia al individuo*. La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar.

que se distancia está tão emocionalmente apegada quanto àquela que fica e usa de defesas psicológicas como agressões e brigas para controlar o apego. Há também aqueles que permanecem como filhos crônicos, não conseguindo transformar o relacionamento com seus pais em uma base adulta.

Quanto maior o grau de apego emocional maior é o grau de indiferenciação. As pessoas indiferenciadas dificilmente distinguem os pensamentos dos sentimentos; seus intelectos estão tão inundados de sentimentos que eles são incapazes de pensar objetivamente. A ausência de diferenciação entre o pensamento e sentimento ocorre juntamente com a ausência de diferenciação entre o si próprio e os outros. Portanto podemos afirmar que os relacionamentos não resolvidos com nossas famílias de origem são os negócios inacabados mais importantes de nossas vidas. Onde quer que estejamos os padrões relacionais familiares permanecem dentro de nós e nos acompanham em nosso desenvolvimento.

Neste sentido esta nova aculturação psicológica experimentada no retorno, conforme DeBiaggi³⁰, pode favorecer um maior nível de diferenciação, na medida em que o indivíduo a partir desta vivência pode adquirir um distanciamento emocional suficiente em relação a sua família de origem que o possibilita decidir qual o melhor caminho a seguir. A motivação do retorno para a maioria do grupo se deu justamente por esta necessidade de acabar o que tinha ficado inacabado. Começar a construir aqui o seu futuro, firmando raízes ampliando seus os níveis de diferenciação e negociando novos sentidos com seu entorno social.

Para Bowen as pessoas diferenciadas seguem seus princípios e se orientam por eles, são seguras de suas opiniões e convicções, são capazes de separar o sentimento do pensamento, podem manter um 'si-mesmo' bem definido e ao mesmo tempo são capazes de uma intensa relação emocional. A diferenciação do *self* na família é iniciada pelo desenvolvimento de uma relação individual, pessoa a pessoa, com o pai e com a mãe e com o maior número possível de membros da família e é completada quando esses relacionamentos são mantidos sem fusão ou triangulação. Quando falamos em triangulação, convém lembrar que estamos nos referindo aos ciclos de proximidade e distanciamento que ocorrem entre duas pessoas, e é quando está distante que os triângulos têm maior chance de se desenvolver. Por exemplo, quando alguém escuta uma história onde há vítima e algoz, está sendo convidada a participar de um triângulo. Segundo Bowen para uma pessoa realizar seu processo

³⁰ DeBIAGGI, Sylvia Dantas. "Homens e mulheres...", *op. cit.*

de diferenciação ela precisará abrir relacionamentos na família ampliada e depois parar de participar de triângulos. Neste sentido o mecanismo de mudança mais importante é deixar de participar de triângulos, ou seja, privilegiar os relacionamentos na díade, impedindo que as terceiras pessoas interfiram nos seus relacionamentos e evitando interferir nos delas. O problema dos triângulos é que muitos deles tornam-se desvios crônicos que corrompem e destroem os relacionamentos familiares.

Acreditamos que ao propor um trabalho de intervenção clínica para os casos de e/imigração e retorno estamos auxiliando as pessoas a rever seus negócios inacabados com suas respectivas famílias de origem e favorecendo um maior nível de diferenciação, integração cultural e ampliação do *self*. A ressignificação do que foi adquirido neste processo é favorecida, no sentido de restabelecer novas interações com a cultura de origem, possibilitando narrativas mais confortáveis e integradoras. A experiência de e/imigração pode ser um elemento que promove o desenvolvimento e amplia a integração do indivíduo desde que o indivíduo faça um exercício de reflexão para perceber quais os fatores que o levaram a sair, construindo pontes entre suas novas aquisições e seu contexto social e familiar.

Identidade, migração e redes sociais

As Redes Sociais são importantes na constituição da identidade, através de relações de pertencimento, e também enquanto sustentação do indivíduo nas diversas situações da vida, como os momentos de crise, por exemplo, no processo migratório. Quando falamos de Rede Social, não estamos nos referindo a uma entidade una, indivisível e claramente determinada. Sluzki³¹ dá uma importante contribuição, ao analisar a influência das Redes Sociais ao longo da vida das pessoas e em situações específicas, como o casamento e a migração, além de traçar um histórico das Redes Sociais dentro da Psicologia. O autor afirma que “a Rede Social Pessoal pode ser definida como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade”³².

Sluzki ainda sugere a análise das redes sociais sob seus aspectos estruturais (propriedades da rede em seu conjunto, como tamanho, densidade, composição, homo/heterogeneidade), das funções dos vínculos (tipo predominante de intercâmbio pessoal, como companhia social, apoio

³¹ SLUZKI, Carlos E. *A Rede Social na Prática Sistêmica*.

³² *Ibidem*, p. 41.

emocional, guia cognitivo), e dos atributos de cada vínculo (propriedades de cada relação, dentre as quais a função predominante, reciprocidade, intensidade).

Sluzki chama a atenção ao estresse pessoal e interpessoal inerente ao processo migratório, decorrente das várias rupturas resultantes, e pela necessidade de reorganização dos laços e funções de cada integrante envolvido. Esse período de crise leva a maior ou menor grau de perturbações psicossomáticas e interpessoais, que não podem ser tomados como “reações idiossincráticas, individuais, ‘patológicas’”. Tais sintomas tendem a ser passageiros, resolvendo-se à medida que a inserção no novo ambiente, balizada pelo restabelecimento de redes sociais rompidas na migração, é efetuada. Nesse processo, os papéis assumidos por cada integrante podem passar por reformulações, podendo levar em consequência a uma revisão da própria identidade. Porém, muitas vezes o que se vê é o contrário, como aponta DeBiaggi³³ com relação à família estendida de brasileiros retornados dos EUA: existe desconfiança para com os parentes e sentimento de cobrança com relação aos planos de retorno, envolvendo elementos como as remessas internacionais de dinheiro, administração de bens no Brasil por parte dos que ficam, idealização do migrante como “parente rico, com condições ilimitadas para auxiliar a família”. Ao invés de reencontrar seu lugar dentro da família, o migrante acaba sentindo a inveja, a desconfiança e exclusão por parte dos parentes.

Em sua dissertação, Sugiura³⁴ analisa as redes de apoio dos *dekasseguis*, os nós que as formam, a qualidade dos vínculos que os unem, e verifica a influência destes atores sociais nas decisões do *dekassegui*, a partir de uma perspectiva intercultural e utilizando a metodologia da teoria fundamentada (*Grounded Theory*). Com relação à forma como o *dekassegui* vê os japoneses, ele verificou que estes são tidos como distantes, o que se constitui em empecilho para a identificação do *dekassegui* como japonês; por outro lado, na convivência com outros brasileiros, apresentam-se dois extremos: relacionamentos estreitos, em que amigos são considerados até mais próximos que a própria família, ou fortes conflitos, que fragmentam a comunidade nipo-brasileira que, como aponta Litvin³⁵, não pode ser considerada uma “comunidade *dekassegui*” por não apresentar organização e coesão suficiente para reivindicar direitos ou melhorias de qualidade de vida, enquanto grupo.

³³ DeBIAGGI, Sylvia Dantas. “Homens e mulheres...”, *op. cit.*

³⁴ SUGUIURA, Marcos H., *op. cit.*

³⁵ LITVIN, Aaron. *A adaptação social e econômica dos migrantes brasileiros o Japão.*

Considerações finais

Com os novos e constantes encontros culturais a questão da identidade está na ordem do dia. Conforme aponta Hall³⁶, a recente globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas de uma cultura nacional, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação. As identidades se tornam mais posicionais, mais políticas, mais plurais e menos fixas, gerando um efeito geral contraditório. Temos nessa era de modernidade tardia, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, formando culturas híbridas em que o senso de quem se é em contraposição a um diferente está sempre em negociação interna e externa. Assim, da mesma forma que o sentido de quem se é implica em lidar internamente, no mundo interno, com as várias identificações atravessadas por questões culturais, há de se fazer o mesmo com relação ao grupo familiar e a rede social, além da sociedade mais ampla. Tais questões apontam para a necessidade urgente das sociedades reconhecerem e apropriarem-se de seu pluralismo cultural. O conhecimento acerca dessas várias dimensões psicossociais se faz essencial a fim de que medidas concretas que envolvem o acesso aos direitos de cidadania a todos e o reconhecimento de cidadãos biculturais (ou multiculturais) como a personificação da possibilidade de ampliação e enriquecimento cultural de todas as sociedades, possibilitem contatos interculturais baseados no respeito a si e ao outro, baseado em concepções de processo e não estanques ou monolíticas e nos direitos humanos, de todos.

Bibliografia

- ANDOLFI, Maurizio; ÂNGELO, Claudio; MENGHI, Paolo; CORICLIANO-NICOLO, Anna Maria. *Por trás da máscara familiar*. Porto Alegre: Atrmed, 1984.
- BEARMAN, Peter; MOODY, James; STOVEL, Katherine. "Chains of Affection: The Structure of Adolescent Romantic and Sexual Networks", in *American Journal of Sociology*, v. 110, n. 1, 2004, p. 44-91.
- BERRY, John W. "Migração, aculturação e adaptação" in DEBIAGGI, Sylvia Dantas; Paiva, Geraldo José (orgs.). *Psicologia, E-Migração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 29-45.
- BERRY, John; POORTINGA, Yves; SEGAL, Marshal; DASEN, Pierre. *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BOWEN, Murray. *De la familia al individuo*. La diferenciación del sí mismo en el

³⁶ Cf. HALL, Stuart, *op. cit.*

- sistema familiar. Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós, 1991.
- DEBIAGGI, Sylvia Dantas. "Migração e implicações psicológicas: vivências reais para o indivíduo e o grupo", in *Travessia*, v. XVIII, n. 53, 2005, p. 16-20.
- _____. "Gênero, cultura e formas de ser: Orientação e atendimento psicológico intercultural na Universidade de São Paulo", in STREY, Marlene Neves et alii (orgs.). *Encenando o Gênero: Cultura, arte e comunicação*. Porto Alegre: Ed. EDIPUCRS, 2008, p. 23-41.
- _____. "Psicanálise, globalização e interculturalidade", in *Revista Boletim Formação em Psicanálise*, v. XVI, 2008, p. 97-108.
- _____. *Changing gender roles: Brazilian Immigrant Families in the US*. New York: LFB Scholarly Publishing, 2002.
- _____. "Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil", in DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José (orgs.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2004, p. 135-164.
- DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José (orgs.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2004.
- ERIKSON, Erik H. "Psychosocial identity", in SILLS, David; MERTON, Robert. (eds.). *International Encyclopedia of the Social Sciences*. New York: Macmillan-Free Press, 1968.
- GOOLISHIAN, Harold; ANDERSON, Harlene. "Narrativa e Self: alguns dilemas pós-modernos da psicoterapia" in SCHNITMAN, Dora Fried (org.). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artmed, 1996, p. 191-203.
- GRINBERG, Leon; GRINBERG, Rebecca. *Psychoanalytic perspectives on migration and exile*. New Haven: Yale University Press, 1989.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.
- KAWAMURA, Lili K. *Trabalhadores Brasileiros no Japão: estratégias de formação cultural*. 1997. Tese (Livre Docência). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- LAMBERT, William. "Introduction to perspectives", in *Handbook of Cross-cultural psychology*. Perspectives. V. 1, Boston: Allyn and Bacon, 1980.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes Ed., 1983.
- LITVIN, Aaron. *A adaptação social e econômica dos migrantes brasileiros o Japão*. Dissertação Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2007.
- LEBRA, Takie Sugiyama. *Japanese Patterns of behavior*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1976.
- LEIFERT, Maria Gabriela M. *Migração de Retorno: Psicoterapia Breve de Jovens Brasileiros, um diálogo entre Psicologia Intercultural e Construcionismo Social*. Dissertação Mestrado. São Paulo: USP, 2007.
- LIEBKIND, Karmela. "Ethnic identity and acculturation", in SAM, David; BERRY, John (orgs.). *Acculturation Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press,

- 2006.
- LINDEMANN, Erich. *Beyond Grief: Studies in Crisis Intervention*. New York: Jason Aronson, 1979.
- LINGER, Daniel Touro. *No one home: Brazilian selves remade in Japan*. Stanford: Stanford University Press, 2001.
- MIURA, Irene Kazumi. *Dekasseguis: relatos de identidade a partir da experiência de trabalho no Japão*. Dissertação Mestrado. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1997.
- MONTES, Maria Lúcia. "Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia", in SCHWARTZ, Lília; QUEIROZ, Renato (orgs). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- PHINNEY, Jean. "Ethnic identity in adolescents and adults: review of research", in *Psychological Bulletin*, v. 108, n. 3, 1990, p. 499-514.
- _____. "Formação da identidade de grupo e mudança entre migrantes e seus filhos", in DEBIAGGI, Sylvia Dantas; Paiva, Geraldo José (orgs.). *Psicologia, E-Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 47-62.
- PHINNEY, Jean; HORENCZYK, Gabriel; LIEBKIND, Karmela; VEDDER, Paul. "Ethnic identity, immigration and well-being: an interactional perspective", in *Journal of social issues*, v. 57, n. 3, 2001, p. 493-510.
- SANDOVAL, Salvador. "Identificações étnicas na migração", in CARRIGNATO, Taeco; ROSA, Miriam; PACHECO FILHO, Raul (orgs.). *Psicanálise, cultura e migração*. São Paulo: YM, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.
- SASAKI, Elisa M. "Os Dekasseguis Retornados", in *Revista Brasileira de Estudos da População*, v. 13, n. 1, 1996, p. 99-100.
- SAYAD, Abdelmalek. "O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante", in *Travessia*, v. XIII, número especial, janeiro 2000.
- SLUZKI, Carlos E. *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- SUGUIURA, Marcos H. *Relações entre a rede social e as migrações Brasil-Japão*. Dissertação Mestrado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
- SUMITA, Cristina Harumi. *A orquestra de vozes, na fala das migrantes nikkeys*. Dissertação Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.
- UENO, Laura S. *Migrantes em trânsito entre Brasil e Japão: uma intervenção psicossocial no retorno*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: IP-USP, 2008.
- WINNICOTT, Donald. *O brincar e a realidade*. RJ: Imago Editora, 1975.

Abstract

Identity, migration and their psychosocial dimensions

The purpose of the present article is to discuss the subjective dimensions of the identity issue based on an intercultural and psychodynamic approach. Initially we present our understanding of the term 'identity' as well as the challenges that the self faces when migrating. Based on a psychosocial intervention research in the Intercultural Counselling Service at the Psychology Institute at USP, the bi(multi) cultural identity, the identity dimensions involved in family relations and social network support are discussed within immigration.

Keywords: *Immigration; Bi(multi) cultural identity; Family, Social network*

Recebido para publicação em 28/02/2010.

Aceito para publicação em 29/03/2009.

Received for publication in February 28th, 2010.

Accepted for publication in March 29th, 2009.